

DINÂMICA, RIQUEZA E COMPLEXIDADE DAS RELAÇÕES CULTURAIS ENTRE O BRASIL E A FRANÇA¹

As relações entre o Brasil e a França são relações exigentes, devido à forte identidade cultural de suas respectivas sociedades. Essas relações são, às vezes, motivo de mal-entendidos.

Dentre as causas desses mal-entendidos se encontra, primeiramente, a fascinação recíproca natural que esses dois povos freqüentemente sentem. Em segundo lugar, os estereótipos estes que oscilam entre representações “terceiro-mundistas” e as representações de “exotismo tropical”. Do mesmo modo, os brasileiros projetam estereótipos sobre os franceses, tendendo a uma supervalorização do racionalismo francês.

Em terceiro lugar, alguns *non-dits*, por exemplo, os franceses nem sempre são conscientes do caráter nacional de seu conceito “universalista” e os brasileiros nem sempre desejam exprimir, principalmente na presença de seus interlocutores franceses, o “outro lado” da cordialidade, como esta foi definida particularmente por Sérgio Buarque de Holanda.

Ao invés de nos sujeitarmos à complexidade das inter-relações em jogo e das representações implícitas que se cruzam entre a França e o Brasil, melhor seria nos interessarmos em conhecê-las e tentarmos entendê-las. Um estudo mais acurado poderia, a meu ver, favorecer a dinâmica da cooperação política, econômica, universitária, cultural e turística entre a França e o Brasil.

FRANÇOIS LAPLANTINE*

RESUMO

O artigo discute a construção do imaginário brasileiro sobre a França e o imaginário francês sobre o Brasil, verificando a presença de estereótipos e outras formas de representação construídas pela literatura e senso comum. As reflexões levam à conclusão de que é necessário problematizar e tornar complexos nossos instrumentos de análise, e a questionar um certo número de nossas categorias mentais.

* Doutor, Professor Titular de Antropologia da Universidade de Lumière Lyon II (França).

1

Em um primeiro momento, gostaria de resgatar um pouco da história das relações franco-brasileiras e mostrar sua evolução.

O caráter efêmero da França Antártica (no Rio de Janeiro), seguida da França Equinocial (em São Luís do Maranhão), foi talvez uma sorte tanto para a França como para o Brasil. É em todo caso no momento em que a França renuncia a co-

lonização do Brasil que sua influência aumenta.

É conveniente lembrar que as idéias francesas do Iluminismo (particularmente a partir do foco de Minas Gerais) contribuíram para o movimento de libertação dos escravos no Brasil e que, reciprocamente, uma parte da sensibilidade literária francesa (o Romantismo) constituiu-se a partir das representações - freqüentemente imaginárias - do Brasil. Victor Hugo inspira Castro Alves, o poeta da abolição, e Joaquim Nabuco escreve poemas em francês. Mas as primeiras influências se exercem na direção do Brasil à França, por exemplo, através da obra de Diderot.

A chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro e as atribuições do Imperador Dom Pedro II vão dinamizar as relações entre os dois países: a emigração francesa, em seguida a dos bonapartistas e, enfim, dos republicanos franceses ao Brasil, a missão artística francesa de 1816, que exerce um papel importante na pintura (J. B. Debret), na escultura (Auguste Tonay), na arquitetura (Granjean de Montigny), na edição (chegada maciça não apenas de li-

vros franceses, mas também como editores como Garnier, que se instala e publica autores franceses e brasileiros, como Machado de Assis). A influência da França no Brasil sem dúvida não se limita apenas à literatura e às artes. Ela se dá também nas ciências que, desde August Saint-Hilaire, manifesta o modelo francês que vai se dirigir principalmente à Medicina através das pesquisas de Oswaldo Cruz.

Mas dois personagens franceses marcaram particularmente o Brasil do século XIX: Auguste Comte, cujas idéias positivistas serão adotadas pela Academia Militar, pela Escola Naval, pela Escola Técnica, pela primeira constituição do Estado do Rio Grande do Sul, obviamente pela divisa da bandeira brasileira e Allan Kardec, que deu origem a um movimento social e religioso, movimento que se tornou profundamente brasileiro.

Foi no contato com a cultura francesa que tomou forma a famosa Semana da Arte Moderna de 1922 em São Paulo, seguida do Movimento Modernista. Oswald de Andrade foi influenciado por Blaise Cendrars, que por sua vez era fascinado pelo Brasil; Tarsila do Amaral estudou em Paris com André Lothe e Fernand Léger. Na verdade a cultura francesa não foi copiada, mas reinterpretada, assimilada a serviço da afirmação de uma cultura verdadeiramente nacional.

Para se libertar da tutela portuguesa, foi mais uma vez à mediação francesa que se recorreu. O lugar da França (histórico, mas principalmente mítico) nesse conjunto em perpétua recomposição, que é a civilização brasileira, sempre foi e é, ainda hoje, muito particular. Em muitos meios que eu conheço bem, ela está longe de ser vivida como uma figura real do outro, mas sim como uma figura real de si mesma, cuja presença podemos às vezes sentir em nosso próprio corpo.²

Se a passagem por Paris é uma passagem quase obrigatória para a formação da maioria dos intelectuais brasileiros desde o começo do século XX, numerosos são os franceses que vêm ao Brasil. Anatole France foi recebido pela Academia Brasileira de Letras em 1909, enquanto que em 1913 Machado de Assis receberia uma homenagem na

Sorbone. Paul Claudel foi embaixador francês no Rio de Janeiro durante a Primeira Guerra Mundial. Darius Milhaud foi secretário da Embaixada. É interessante evocar também as viagens efetuadas por Benjamim Péret, por Blaise Cendrars, esse fã incondicional do Brasil que em *Trop, c'est trop* escreve que esse país é o "paraíso terrestre". Bernanos, outro admirador incondicional do Brasil, confia: "Depois de Munique, é no Brasil que encontrei minha pátria."

Eu lembraria ainda a figura de Paul Landowski, que esculpe o Cristo Redentor, as temporadas de Sartre, Simone de Beauvoir, André Malraux e Louis Jouvet, que publica no Brasil suas *Réflexions d'un comédien*.

Insistirei aqui de modo particular sobre o papel representado pela Universidade de São Paulo no estreitamento das relações de cooperação científica entre os dois países. Sua fundação, em 1934, pode ser considerada como uma grande virada nas relações franco-brasileiras. As missões de renomados cientistas franceses – tais como Claude Lévi-Strauss (Antropologia), Fernand Braudel (História), Pierre Monbeig (Geografia), Roger Bastide (Sociologia) e tantos outros – desempenharam um papel importante no processo de formação da mais prestigiosa Universidade brasileira.

No que diz respeito aos intercâmbios científicos e culturais, a França está longe de ser um "modelo" para o Brasil e este nunca foi cópia desta. A sociedade brasileira tem esta aptidão de metamorfosear-se, de "brasilianizar" o que em um primeiro momento ela recebe.

Por outro lado, o que a cultura francesa deve à brasileira é considerável. Claudel, Benjamim Péret, Blaise Cendrars, Darius Milhaud e outros sofreram mais influências do Brasil do que influenciaram.

No domínio da dança, essa influência se evidencia, por exemplo, no samba, no maxixe e, recentemente, na lambada,³ que marcou o ano de 1989 na França.

A música clássica de Villa-Lobos conquistou os franceses amantes desse gênero musical, enquanto que a Bossa Nova inspirou

duas gerações de cantores franceses de Jean Sablon a Bernard Laville, passando por Georges Moustaki, Sacha Distel e Claude Nougaro.

Quanto ao cinema, lembremos Glauber Rocha e seu cinema novo, que inspirou a *nouvelle vague*, e das co-produções franco-brasileiras (dentre as quais se destaca *Orfeu Negro*).

A arquitetura fez a síntese da cooperação franco-brasileira com Niemeyer e Le Corbusier.

No campo da literatura, ressaltamos o fato de que a obra completa de Jorge Amado foi traduzida e reeditada em “Le livre de Poche” e as “Editions des Femmes” acabaram de concluir a tradução das obras completas de Clarice Lispector. Já no domínio das Ciências Sociais, as obras de Gilberto Freire são muito conhecidas.⁴

Se a cultura francesa age como reveladora da cultura brasileira, permitindo paradoxalmente a esta de afirmar a sua brasilianidade, no Brasil, tudo que chega da França é profundamente reelaborado. Por exemplo, Zola e Mallarmé são repensados numa sensibilidade brasileira e o realismo de Machado de Assis ou de Lima Barreto é muito diferente do naturalismo francês.

Em outro campo, o das Ciências Sociais, nós também podemos medir a que ponto os franceses que se encontram ligados ao Brasil se transformam sob seus efeitos. Uma parte das pesquisas que hoje temos tendência a considerar como “especialmente francesas” - o estruturalismo de Claude Lévi-Strauss, a famosa escola histórica dos “Annales”, a partir da qual se constituiu a École de Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS) - foram elaboradas no vácuo brasileiro.

2

É a partir dessa revocação histórica, que mostra ao mesmo tempo a densidade e a continuidade das relações franco-brasileiras, que eu gostaria de ressaltar alguns aspectos de sua complexidade.

Tão próximos e tão distantes ao mesmo tempo, os franceses e os brasileiros têm, às vezes, dificuldades para se estender. Nós ficamos intrigados, fascinados e, às vezes, (por que

negá-lo?) um pouco irritados uns com os outros. Darei uma série de exemplos:

1) A primeira dificuldade intercultural vem, a meu ver, das relações contraditórias que mantemos respectivamente com o espaço e o tempo; com o espaço geográfico evidentemente, mas também com o espaço mental, com o tempo histórico, mas também com o tempo subjetivo. O que Mikael Bakhtine chamou de *cronotopia* - que indica a especificidade das relações de tempo e de espaço em uma determinada cultura - parece-me rigorosamente invertido quando passamos do Brasil à França e da França ao Brasil.

O que sempre surpreende os franceses que chegam pela primeira vez ao Brasil é a ausência de passado, uma história extremamente curta (é um preconceito, evidentemente, os preconceitos sendo, como disse Gide, “les pilotis de la civilisation”) e a imensidão do espaço, das paisagens, das florestas, dos desertos. A imensidão da Amazônia, do altiplano, do sertão (Guimarães Rosa: “O sertão é do tamanho do mundo ... Ah, não tem maior”), o gigantismo das cidades, o tamanho espantoso dos rios.

Inversamente, o que surpreende os brasileiros que viajam pela Europa pela primeira vez é o seguinte: eles têm, por um lado, a impressão de efetuar uma verdadeira viagem no tempo; por outro lado, a Europa lhes parece minúscula. Percorrendo-se a Europa, muda-se rapidamente de país, de língua, de cozinha e de estilo arquitetônico, à medida que atravessamos as fronteiras, tudo se passa como se o máximo de coisas se encontrasse em um mínimo de espaço.

Pequenos países e pequenas paisagens européias contrastam com o gigantismo brasileiro, onde tudo parece excessivo, superlativo, desmedido. As florestas do Brasil são mais densas, os planaltos mais altos. A seca do nordeste, às vezes, total. Inversamente, no norte, a chuva, quando chega, não cai, despenca, é um dilúvio que não acaba mais, como se o céu desabasse sobre a terra. E quando o vento sopra, ele pode virar tempestade, pronto a se transformar em um ciclone que carrega tudo o que encontra pelo caminho. Depois vem o sol,

que traz a luz que cega. Luz de uma tal intensidade que, quando o sol se encontra no seu apogeu, às vezes é possível perceber as vibrações de certas cores.

O imaginário europeu, e particularmente o imaginário francês,⁵ celebra muito essas imagens de um Brasil – na verdade, de uma Amazônia – onde tudo é desproporcional. A natureza, tão exuberante, não está na mesma escala que a do “Velho Mundo”. As samambaias são imensas, as orquídeas enormes, os cactus gigantes, as palmeiras de uma altura impressionante. Os formigueiros americanos são conhecidos como “formigueiros gigantes”. Existem também borboletas que têm tamanhos incríveis. Alguns guarás, por exemplo, chegam a medir um metro e cinquenta de comprimento com um rabo de quarenta e cinco centímetros. As antas (*Tapirus terrestris*) podem atingir dois metros de comprimento e um metro de altura. No Mato Grosso conheci touros de tamanho inacreditável. Seus semelhantes europeus, perto deles, parecem tão magrinhos!

Mas não são apenas os vegetais e os animais. Tudo segue na mesma proporção. Os arranha-céus são mais altos, o tráfego de automóveis nas ruas é mais intenso, os jornais mais espessos, as redes de televisão emitem vinte e quatro horas por dia.

Os franceses têm freqüentemente a impressão de que o modo de se falar no Brasil, de se comportar, é excessivo. Para se dizer “bom dia”, “tchau”, é-se geralmente expansivo. O abraço, por exemplo, é vigoroso e normalmente vem acompanhado de um tapinha nas costas que os homens dão para expressar a amizade que existe entre eles. Em uma conversa banal, geralmente em grupo, utilizam-se mímicas expressivas, um pronunciado gosto pela emoção, podendo rapidamente chegar ao patético. Alegres, festivos, sensuais, barulhentos, exuberantes. Ou, então, completamente desesperados.

Nesse espaço desmedido, quando se é rico, é-se muito rico, mas quando se é pobre, é-se muito pobre. Quando se é ligado a uma mulher ou a um homem, é-se muito ligado. Os dramas de ciúmes atingem ápices e provocam banhos de lágrimas, como as chuvas que caem

como ondas. Quando se brinca, se canta, se dá ou se abandona, é de todo o coração e de todo seu corpo. Quando se bebe, pode-se chegar à embriaguez. Grita-se muito também, até perder a voz. Foi, inclusive, com um desses gritos que se fundou a nação. Nas margens do riacho Ipiranga, Dom Pedro entra em luta aberta contra o governo de Lisboa. Ele proclama: “Independência ou Morte!”. É o “Grito do Ipiranga”, lançado no dia 7 de setembro de 1822, dia este que se tornou o “dia da pátria”, a festa nacional do Brasil.

Assim, quando se ama ou se detesta, quando se ri ou se chora, quando se submete ou se revolta, é-se totalmente. O fatalismo e a resignação podem ser absolutos, mas o heroísmo também. A sensualidade empurra suas possibilidades até seu limite extremo, mas o ascetismo também. A mesma coisa acontece com o tempo: ele pode parar completamente, como em algumas cidades do sertão no domingo à tarde, ou, ao contrário, como em São Paulo.⁶

Acrescente-se a tudo isso que os povos que vão contribuir para a formação do Brasil são, desde o começo, nômades. Índios que vieram da Ásia, negros deportados da África, conquistadores portugueses desembarcando das caravelas, enormes contingentes de pessoas chegando de todas as partes da Europa, árabes, asiáticos, graças ao desenvolvimento da máquina a vapor e de vôos charter inteiros.

E quando eles se instalam, não ficam parados. Viajam mais ainda, emigram para as grandes cidades. No sertão ou na Amazônia, falam-me do Rio e de Brasília. As pessoas conhecem, já estiveram lá. No Brasil se é extremamente móvel, enquanto que do outro lado do Atlântico se é extremamente sedentário. Para os franceses tomarem o trem para ir de Paris a Marselha não é uma coisa simples.

O Brasil, primeiramente, é um espaço imenso onde um dia chegou-se e onde tudo se movimenta sem cessar. Esse gigantismo do espaço brasileiro sempre estimulou a imaginação do europeu, e em particular a do francês. Ele fornece ingredientes extraordinários à faculdade visionária dos europeus.

O Brasil tem o senso da grandeza. Em relação a ele, seus vizinhos latino-americanos parecem sérios, circunspectos, reservados. O Brasil é desmesurado. Não faz nada pela metade. Os brasileiros dizem sempre: nós temos os melhores jogadores de futebol do mundo, o maior carnaval do mundo. Recordes. Dirige-se ainda mais rápido do que no resto da América Latina. A música é geralmente vociferada. As casas de discos ligam ao mesmo tempo dezenas de vitrolas e gravadores. Mais alto, sempre mais alto.

Existe, notou Gilles Lapouge, uma verdadeira “felicidade do barulho”. Não é tudo. Os restaurantes são gigantescos. As mesas dos restaurantes mais espaçosas. Sobre as mesas, pratos enormes para caber mais comida. O papel que se usa para escrever ou que sai de uma gráfica (“o americano”) é maior que o francês. Mesmo os pegadores de roupa. As pessoas são perfeitamente conscientes da existência de um modo maior de viver. Em Itu, cidade perto de São Paulo, o Brasil se caricaturiza a si mesmo: lá fabricam-se canetas e lápis gigantes (que chegam a ter um metro de comprimento), chaveiros gigantes, borrachas enormes que chegam a pesar um quilo, enormidades que o país inteiro conhece bem.

Nada existe de mais contrastante ao Brasil do que a força de algumas tradições e imagens francesas e foi provavelmente em virtude dessas diferenças que se estabeleceram muitas histórias de amor. Que diferenças? Nossa imagem de país antigo, calculista, que precisa de sinais e pontos de referência, que marca encontros com vários meses de antecedência. Nossa imagem de bosques e maçãs que caem dos pomares na Normandia, ou Île-de-France. A imagem da fumaça que sai das chaminés (palavra francesa aportuguesada) das choupanas, dos campanários das igrejas dos vilarejos, das canções de Charles Trenet. Nossa desconfiança em relação à infância e ao sonho e a dificuldade, ou mesmo a impossibilidade, de sermos ambivalentes, como são sem complexo os brasileiros.

Essas representações de uma história deformada (na verdade uma história confiscada e escrita por outros) e de um espaço

excessivo opõem-se praticamente às representações de um espaço francês deformado e de uma história exagerada. Elas se opõem mais particularmente ao sentido francês da medida, da calma, da lentidão, à prudência francesa, ao silêncio da França (no qual amigos brasileiros me confidenciaram que tinham vontade de gritar), à ordem e à regularidade de Descartes e de Claude Bernard, assim como à regularidade da passagem dos empregados da EDF.⁷ Essas representações se opõem a um país onde não há, a despeito do que algumas possam pensar, grandes contrastes, onde as raízes mergulham profundamente em um espaço bem limitado e onde as pessoas fazem as coisas sem precipitação.

As proporções não são as mesmas, nem o peso da memória. Não se pode ler um romance de Guimarães Rosa como se lê um poema de Ronsard escrito em Touraine ou de René Char em Islesur-Sorgue ou ainda como se lê *Madame Bovary*. Aliás, é impossível imaginar Emma Bovary atravessando o Atlântico e chegando ao Brasil, ela que passou a vida inteira entre Tostes, Yonville e a fazenda de Bertaeaux, que vai de vez em quando a Rouen encontrar seu amante - mas que viagem! - e que, ao nome de Paris, reage com estas palavras: “Paris, que nome desmedido!”. Mas não é apenas *Madame Bovary*. Tentem imaginar Descartes em Salvador ou Paul Valéry na Amazônia.

A linguagem é frequentemente significativa dessas diferenças de escala de grandezas. Na França, temos nossos *petits écarts*, é o que chamamos *nos extras*. Na França, fechamos as portas *à double tour* (a duas chaves). Mas no Brasil diz-se que temos que fechá-las *a sete chaves*.

A França é o país dos pequenos riachos, enquanto que no Brasil os rios são verdadeiramente rios. Eles são tão rios que os franceses frequentemente pensam que são o mar, enquanto que, inversamente, nossos riachos são tão riachos que os brasileiros pensam que são igarapés.

A França é o tempo, a história, a memória. Na França, pode-se recuperar o tempo perdido (um de nossos maiores escritores se

chama Marcel Proust e um de nossos maiores filósofos, Bergson), colocar calmamente em ordem nossas lembranças. Evidentemente modernizam-se os trens – vejam o TGV – constroem-se estradas modernas. Mas nossas grandes estradas seguem aproximadamente as vias romanas.

Na França, criar uma cidade nova é muito complicado. Mudar uma paisagem suscita protestos. Qualquer mudança provoca agitação e se ela acontece rapidamente, estremecimentos. A maioria dos nossos espaços são ordenados: o que chamamos “jardins à francesa” ou os pomares da Loire, ou ainda os “bocages”,⁸ cuja particularidade é de serem fechados.

Na Europa interiorizamos essa concepção de um espaço fechado e acabado. As cidades européias têm limites, fronteiras. Para sair de Paris, deve-se atravessar o que chamamos de “portas”. Assim a consciência dos europeus (e em particular dos franceses) tem tendência à concentração – agravada pela centralização jacobina – e à elevação às alturas do pensamento abstrato. Se um acontecimento imprevisível está em vista, temos tendência a fechar as fronteiras ou o aceitamos à condição de assimilá-lo em nossas categorias preexistentes. Ao contrário, no espaço mental brasileiro, como à imagem de sua paisagem, é infinitamente mais aberto, fluido, dinâmico, móvel, espontâneo, enquanto que na França a espontaneidade é considerada como um defeito.

Se o Brasil aparece aos franceses freqüentemente como um exagero, a França pode parecer aos brasileiros como muito acabada e definida, e os franceses ordenados, organizados e até obsessivos. Eles têm sempre um livro ou um jornal na mão. Não há crianças nas ruas, mas em compensação um grande número de idosos que, como já me chamaram atenção para o fato, reclamam o tempo todo. Os franceses preferem os cachorros e os gatos aos seres humanos. Eles se deslocam sem fazer barulho. São frios e calculistas, são “italianos de mau-humor”.

Na construção do imaginário brasileiro sobre a França, assim como do imaginário francês sobre o Brasil, certamente partimos de uma realidade que existe, mas parcialmente, que

aumentamos, habituados ao que esperamos ver e que pode se tornar, para aqueles que aderem a ela, toda a realidade.

São alguns dos estereótipos franceses sobre o Brasil que vão agora reter nossa atenção. O principal continua sendo, a meu ver, o estereótipo de um Brasil sempre em transe e perpetuamente em festa, com o sol, calor, samba, céu azul e mar garantidos. Essa representação de uma sociedade *solar*, inundada de uma profusão de cores cintilantes ofusca mais que ilumina, pois o Brasil pode também ser considerado como uma sociedade *lunar*, como nos sugere a leitura das obras de Clarice Lispector.

Podemos também reter apenas a sensualidade tropical, a cordialidade, o sentido latino da festa, mas então o que fazer de uma parte da população que se torna cada vez mais neoprotestante na sua versão radical, ou ainda da onda psicanalítica que nunca existiu com tamanha intensidade nem mesmo na França?

Os brasileiros aparecem facilmente aos franceses como loquazes e exuberantes, mas é uma sociedade de uma intensa reflexão, uma sociedade que também cultivou o sentimento da *saudade*, a qual, tecendo laços incompreensíveis ao racionalismo francês, entre o prazer e o sofrimento, o passado e o presente, é infinitamente mais sutil que nossa *mélancolie*.

Pensa-se também no lado europeu do Atlântico que os brasileiros são muito mais sentimentais que nós. Mas se olharmos bem de perto, percebemos que o sentimentalismo aparentemente apaixonado das canções de amor que jorram do coração é malicioso. Ele é quase sempre acompanhado de uma ponta de humor que os franceses dificilmente percebem. A realidade brasileira nunca tem a realidade do preto ou do branco, do bom ou do mau, do excesso ou da carência, que poderia se projetar sobre ela. Para perceber situações cheias de significados contraditórios, para tentar entender o caráter *poliforme* desse país ao mesmo tempo tão perto e tão longe da França, recorro à sua literatura.

O que descobrimos através dela são, primeiramente, temas que não se encaixam bem com o que os nossos estereótipos nos induzem a ver, temas que se demonstram ge-

ralmente opostos ao exotismo e à febre tropical. Descobrimos principalmente linguagens que não correspondem em nada à nossa expectativa: não o sentimentalismo empolado, a retórica, a ênfase, mas, ao contrário, uma prosa sóbria, medida, refletida, às vezes de uma grande fineza e de uma extrema precisão (Carlos Drummond de Andrade). Escritores que sugerem mais do que demonstram (Guimarães Rosa), que não criam a realidade com grandes pinceladas, mas a partir de uma palheta sutil de nuances. Reencontramos também a desolação, um mundo desencantado, desabusado, amargo (Machado de Assis), a dor, a miséria, confusão, que culmina no trabalho de Graciliano Ramos, que sua obra *São Bernardo* resume bem: “Desgosto, angústia constante e raiva”.

O que entendemos, lendo esses escritores, é que as coisas nunca são simples no Brasil. É freqüentemente o horror e o humor (Graciliano Ramos), o questionamento das solenidades e de um espírito sério (Jorge Amado), o desencantamento e o júbilo, o prazer e o sofrimento amoroso entrelaçados (Clarice Lispector).

2) Um outro exemplo da complexidade das relações interculturais entre os franceses e os brasileiros é a comunicação na vida cotidiana ou nas relações profissionais. Além do fato de que tanto uns quanto outros não têm exatamente a mesma concepção do tempo⁹, as trocas verbais não são sempre isentas de desentendimentos.

Assim, no Brasil, começa-se quase sempre a dizer *sim* a quem lhe faz uma pergunta. É só depois, mas muito depois, que chegará o não. Mas ele nunca será cheio de negatividade. Ele será sempre temperado por outra coisa. E os franceses poderão ficar com a impressão do *sim* inicial, que poderia interpretar como “aviso de recepção”, da mesma forma que eles poderão ter dificuldade em interpretar a significação desse impasse tão brasileiro que é o *mais* ou *menos*.

Na cultura brasileira, tenho a impressão de que tudo que é enunciado de uma maneira clara, explícita, afirmativa ou negativa, parece desconcertante, freqüentemente mal-

educado ou mesmo agressivo. É praticamente impossível ir direto ao assunto e de *mettre les pieds sur le plat*. Não utilize um percurso direto para ir de um lugar a outro, você deve desenhá-lo com curvas, espirais, arabescos. Os nomes das pessoas e das coisas devem ser suavizados por diminutivos.¹⁰ Quanto a expressar os sentimentos, raramente se faz diretamente: estes são revestidos de fórmulas indiretas, codificadas por uma infinita complexidade de rituais.

Os franceses devem prestar atenção para não se comportarem como elefantes em lojas de cristais. Aliás, confrontados a essa moda de trocas sinuosas que parecem se perder em intrigas, eles têm a impressão de uma aproximação. Tudo se passa para eles como se a comunicação, na medida em que avança, tendesse a se dissolver, a se embarçar, a se tornar evasiva e confusa. Os protagonistas compreendem evidentemente o que eles querem ao se comunicarem uns com os outros. Freqüentemente, precisa-se de pouca coisa para que os brasileiros e os franceses se entendam totalmente, mas esse pouco já é muito.¹¹

3) Um outro exemplo da complexidade das relações franco-brasileiras é o que eu chamaria de *romance familiar transatlântico*, sobre o qual sugiro aqui algumas pistas que são apenas hipóteses.

Para um brasileiro cuja família tem origens italianas, alemãs, russas ou polonesas, a questão da identidade se apresenta de uma maneira completamente diferente do que para alguém que mora em Clermont Ferrand e cujos pais são auvergnats.

Para compreender melhor essa questão, é conveniente retomar a história da colonização do Brasil. O *pai* português se impõe pela força. Conquistando uma terra virgem e seus primeiros habitantes, ele deu início a toda uma população mestiça no nordeste. A língua dos brasileiros normalmente considerada como “materna”, é na verdade “paterna”. A religião na qual se foi geralmente educado também vem de Portugal.

Entre os diferentes *irmãos* e *irmãs* dos países da América Latina, os contatos nunca foram historicamente muito desenvolvidos. Um dos irmãos, contudo, assume um lugar que não

passa despercebido. É o grande irmão norte-americano. Mais jovem que os outros, pois chegou mais tarde sobre o continente, ele, porém, cresceu muito e se tornou terrivelmente arrojado. Para muitos, ele é visto como perigoso. Ele se mete em tudo. Ele chega sem prevenir. Ele exerce uma dominação econômica sobre esse continente que foi a mesma exercida pelos portugueses e pelos espanhóis antigamente.

A mãe exerce um papel capital na família brasileira. Ela também é venerada sob a forma de Maria, a mãe de Deus, e de Iemanjá.

E então, tem o tio paterno, a França. Pelo fato de nunca ter vindo de uma maneira brutal, ou melhor, por ter fracassado na sua tentativa de colonização, e também por tudo que vimos que ela representa, desfruta de uma excelente reputação.

Esse tio permite freqüentemente uma apropriação da componente européia da identidade brasileira.

4) As representações que os franceses têm do Brasil, que comecei a evocar no início, são eminentemente ambivalentes. Oscilam permanentemente entre o Éden e o Inferno, o Paraíso e a Palhaçada. Fascinação da doçura tropical, sobre a qual veio pairar desde o início do encontro dos dois povos uma carga sensual que parece inesgotável. Repulsão ou simpatia condescendente com o subdesenvolvimento.

Mas tem mais. O que continua a surpreender os franceses é a capacidade que se tem no Brasil de ser ao mesmo tempo “ocidental” e “não ocidental”, intelectual e sensível, moderno e tradicional, ateu e religioso, cristão e pagão, racional e sentimental, crítico e lírico, à imagem de Macunaíma, o anti-herói de Mário Andrade. Essa aptidão de unir o que em lógica cartesiana se exclui, mas mais ainda o fato de que essa mistura não é confusão e que se pode viver sem separação esquizofrênica, uma dupla, tripla, quádrupla identidade – por exemplo – ser um profissional de informática de dia e um pai de santo à noite – é extremamente desconcertante para os franceses.

Estes últimos mostram freqüentemente uma certa rigidez didática. Eles têm tendên-

cia a utilizar separações categóricas e classificatórias que não são pertinentes para analisar a especificidade brasileira. Por exemplo, distinguir de uma maneira decididamente binária o preto e o branco, a tradição e o moderno, o público e o privado, o passado e o futuro, o profano e o sagrado e assim sucessivamente.

O que a sociedade brasileira inventou não é uma sociedade complexa como a França, mas uma sociedade hiper-complexa, irreduzível, sobretudo no que sabemos de sociedades formadas nos moldes greco-romanos ou anglo-saxões: é um estilo de vida, uma maneira de ser, de ver o mundo, de encontrar os outros, de falar, de amar e de odiar, onde a pluralidade se afirma, não como uma fragilidade provisória, mas como um valor constitutivo. E a única afirmação que se impõe a mim desde que, há quinze anos, iniciou-se minha experiência brasileira é: *essa sociedade introduziu a polifonia na cultura*¹². Vejo na Europa e na América do Norte apenas um equivalente dessa pluralidade brasileira: a multiplicidade romanesca.

Mas ainda é preciso ter cuidado. Cada vez que, falando do Brasil, limitamo-nos a uma afirmação, é sinal que estamos nos enganando. Pois o que é cultural – em particular o calor das relações humanas que se exteriorizam através de grandes laços de amor e de amizade – não saberia dissimular o que é estrutural: a violência das relações sociais que encontra seu fundamento em uma certa permanência da herança colonial.

Os pesquisadores em Ciências Sociais que me precederam no Brasil realizaram a experiência que eu mesmo efetuei. No começo, o Brasil é para nós um privilegiado campo de estudo. Mas esse campo nos transforma progressivamente. Ele nos leva não apenas a expandir nosso horizonte geográfico, mas também a problematizar e a tornar complexos nossos instrumentos de análise, a questionar um certo número de categorias mentais. O que pessoalmente eu devo ao Brasil é um mundo.

Para concluir, faço minhas as célebres palavras de Fernand Braudel: “O Brasil me tornou mais inteligente”.

NOTAS

- ¹ Trabalho apresentado no Seminário do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, realizado em São Paulo - SP, nos dias 25 e 26 de abril de 1996.
- ² Cf. Marion AUBRÉE et François LAPLANTINE, *La Table, le livre et le esprits*. Nascimento, evolução e atualidade do movimento social espírita entre a França e o Brasil, Paris: J. Cl. Lattès, 1990, tradução em preparação, São Paulo: HUCITEC/EDUSP.
- ³ Embora a lambada não tenha suas origens no Brasil, na Europa ela é conhecida como uma dança e um ritmo brasileiro.
- ⁴ Eu gostaria, contudo, de chamar a atenção para o fato de que uma certa quantidade de textos fundamentalmente brasileiros (especialmente científicos) ainda não foram traduzidos em francês. Em segundo lugar, sobre a situação, a meu ver insatisfatória, do ensino da língua portuguesa na França e da língua francesa no Brasil.
- ⁵ Cf. Jules VERNE, *La jangada et 800 lieux sur l'Amazonie*, que, durante várias gerações se encontram entre os grandes livros de formação dos jovens franceses.
- ⁶ Cf. Claude OLIVENSTEIN et François LAPLANTINE, *Um olhar francês sobre São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- ⁷ EDF= Electricité de France, companhia francesa de energia elétrica.
- ⁸ Arvoredos cercados.
- ⁹ Uma certa concepção rígida do lado francês, aliás mais pronunciada no norte do que no sul do país, enquanto que do lado brasileiro, a onipresença do atraso podendo fazer parte da arte de viver, do *savoir-vivre*, pede-se até desculpas quando se é pontual.
- ¹⁰ Nessa sociedade do superlativo onde tudo sugere, na linguagem, o uso do **-ão** amplifi-

gador, a conversa é pontuada de diminutivos **-zinho, -zinha, -inho, -inha**: amorzinho, devagarinho, cafezinho, direitinho, à esquerdinha.

- ¹¹ Uma outra diferença, também eminentemente cultural, é a seguinte: um interlocutor francês geralmente dispõe a princípio, com relação a um parceiro brasileiro que ele nunca havia visto antes, de um capital de confiança considerável. Mas ele precisará provar continuamente que é digno de sua confiança, correndo o risco de perder a estima da qual ele desfrutara no início. Na cultura francesa é rigorosamente o inverso, partindo-se de uma neutralidade, isso quando não existe a desconfiança com relação ao interlocutor que se encontra pela primeira vez. As implicações da inversão desse capital simbólico me parece de uma grande importância na cooperação franco-brasileira.
- ¹² Permito-me indicar como referência bibliográfica sobre essa questão meu livro intitulado *Transatlantique. Entre Europe et Amériques Latines*. Paris: Payot, 1994.

BIBLIOGRAFIA

- AUBRÉE, Marion e LAPLANTINE, François. *La table, le livre et les esprits*. Nascimento, evolução e atualidade do movimento social espírita entre a França e o Brasil. Paris: J. Cl. Lattès. Tradução em preparação, São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1990.
- LAPLANTINE, François e OLIVENSTEIN, Claude. *Um olhar francês sobre São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- LAPLANTINE, François. *Transatlantique. Entre Europe et Amériques Latines*. Paris: Payot, 1994.